

Diário, uma Ilha de Memória

Luisa Castellões Carrasco

Orientação: Profa. Joana Barossi (Escola da Cidade).

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade, 2019-20.

A memória (e o exercício de lembrar) é um recurso impreciso, um desvio pessoal marcado pela interpretação, que está sob influência do arcabouço de experiências de cada sujeito e, por isso, em constante construção e rearranjo. Este ensaio explora o tema da não estaticidade da memória individual em relação a uma experiência vivida e construída. Busca-se compreender os debates que o envolvem, tanto na teoria quanto nas expressões artístico-

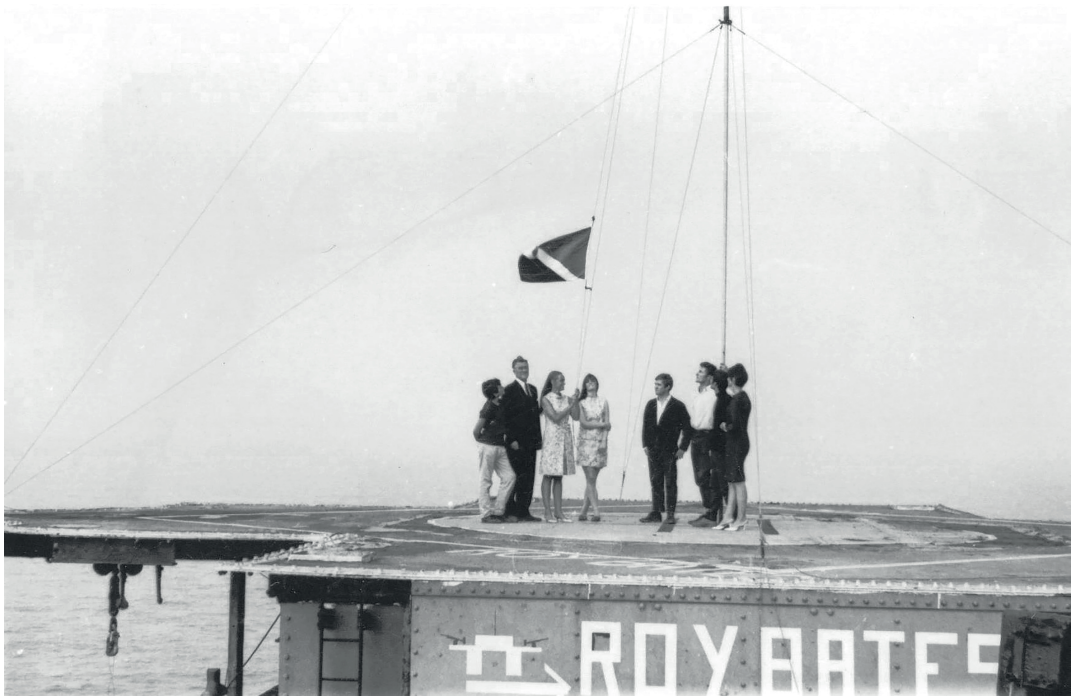
literárias, assim como se utilizar das próprias lembranças — de duas viagens em específico — para explorar como a construção inventiva da memória pode traduzir ambiências. Intenta-se uma revisita à Chiloé, no sul do Chile, e Marajó, ao norte do Pará, de modo a destacar fluxos fictícios da memória que podem unir dois territórios insulares, fendidos por água e isolados pelo continente sul-americano.

Diary, an Island of Memory

The memory (and the act of remembering) is an imprecise resource, a personal deviation marked by interpretation. It is in constant construction and rearrangement since it depends on each subject's framework of experiences. This essay focuses on the theme of the non-constancy of individual memory regarding lived and constructed experiences. It seeks to comprehend the debates surrounding it, both in theory and in artistic-literary expressions, in addition to exploring its memories – of two specific trips – to research how the inventive construction of memory can translate ambiences. A revisit to Chiloé in the south of Chile, and Marajó, in the north of Pará, Brazil, is attempted to highlight fictional streams of memory that can unite two territory islands separated by water and isolated by the South-American continent.

Diario, una Isla de Memoria

La memoria (y el ejercicio de recordar) es un recurso impreciso, un desvío personal marcado por la interpretación, que se encuentra bajo el influjo del marco de experiencias de cada sujeto y, por tanto, en constante construcción y reordenamiento. Este ensayo se centra en el tema de la memoria individual no estática en relación con una experiencia vivida y construida. Se busca comprender los debates que lo involucran, tanto en la teoría como en las expresiones artístico-literarias, así como utilizar sus propios recuerdos – de dos viajes específicos – para explorar cómo la construcción inventiva de la memoria puede traducir paisajes. Se intenta volver a visitar Chiloé, en el sur de Chile, y Marajó, en el norte de Pará, para resaltar corrientes ficticias de memoria que pueden unir dos territorios insulares: escindidos por el agua y aislados por el continente sudamericano.



Há pouco mais de cinquenta anos, uma família inglesa ocupou uma antiga base militar da segunda guerra. Esta base é, em tradução livre, uma fortaleza-ilha, situada no Mar do Norte entre a Inglaterra e a Holanda. Em 1967, Roy Bates fundou o Principado de Sealand, hasteou a nova bandeira da fortaleza-ilha e concedeu títulos de nobreza de Sealand à sua família.

ATO 01

Há uma única estrada que permite a entrada no extremo sul chileno: a Carretera Austral. Ela é um símbolo de conquista, alcança o fim do território para uni-lo em um só país. Em Puerto Montt, a 1.200 km de Santiago, encontra-se, em uma bifurcação, a travessia para Chiloé e o portal para a Carretera. Ali, onde Chiloé se desmembra do território, o continente se afina e é esmagado ainda mais entre o mar e a cordilheira. Há uma aliança entre a ilha e seu território vizinho para se manterem distantes do mesmo centro. Em 1826, a Ilha de Chiloé foi anexada ao território chileno numa tentativa de costurar os pedaços de terra que dele fugiam. Essa costura geográfica, assinada sobre uma ponte no norte da ilha, marca o fim do processo chileno de independência, e faz uma amarra que garante a extensão do país. Similarmente, em 1960, é idealizada a construção de uma ponte que fixaria a cidade de Ancud, no norte da ilha, à Puerto Montt. A conquista da grande ilha é assistida pelos territórios ao lado. Orbitando Chiloé, as regiões fixadas na cordilheira e ao sul dos grandes vulcões aceitam as motivações para diminuir também o seu isolamento em relação ao resto do país. **Quanto da capacidade de ilha se esvai na construção de uma ponte?**

Na obra *The Floating Piers*, de Christo e Jeanne-Claude, imagino as pontes projetadas transformadas em cordas, que façam a ilha para puxá-la ao continente. O plano de ação fora desenhado pela própria terra continental, com inveja da liberdade da pequena ilha de flutuar pelos oceanos. Todo ano, a ilhota viaja numa mesma rota ao redor do globo, e encontra este pedaço de continente entre agosto e setembro, cortejando a paisagem de sua grande amiga por algumas semanas.

Partindo de Macapá, Afuá é a primeira cidade marajoara que se encontra. Apoiada em estruturas de madeira, avista-se suas pernas à distância. Nessa cidade erguida sobre as águas, as ruas são passarelas montadas por pequenos feixes de madeira que caminham por entre as casas e, vez em quando, encontram praças amplas. As casas são estruturas independentes do resto da cidade, palafitas erguidas sozinhas no buraco deixado pelo traço das passarelas. Muitas vezes eram deixados vãos entre a porta da casa e a passarela. As calçadas em Afuá são pontes que vencem esse pequeno abismo e conduzem o caminho de entrada. Elas são também uma extensão da casa, muitas vezes são varandas, que se confundem entre o público e o privado.



Fig. 1. Location of the site. (a) Topographic map of the site. (b) Topographic map of the site. (c) Topographic map of the site. (d) Topographic map of the site. (e) Topographic map of the site.



ATO 02

Há em Chiloé uma pequena ilha chamada Ilha Aucar — próxima a Quemchi, na costa continental. Ergue-se como um pequeno banco de areia, um tantinho mais alto que o nível das águas, mas a transição nesse pedaço da ilha entre terra e água é tão singela, de declividade tão baixa, que há de se confundir até onde a ilha vai. Quando a maré regride, não haveria mais ilha, já que se vê a areia que caminha da borda de Quemchi até Aucar. Todavia, há um elemento que ali se destaca: uma pequena ponte inteira em ripas de madeira, que liga a Ilha de Aucar à Ilha Grande de Chiloé.

Pergunto-me, qual ponte faz Aucar determinar-se ou não uma ilha? Pela junção da topografia e da maré, Aucar poderia ser uma meia-ilha, ilha durante o dia e parte de Chiloé pela noite. Talvez três quartos seja uma proporção mais generosa. Mas

se Aucar se confunde entre ser ou não ilha, a ponte explicita sua escolha de ser. Há um caminho possível para Aucar algumas horas por dia, e mesmo quando o caminho está aberto, a ponte prefere imaginar que a água nunca deixou as bordas da pequena ilha. Na pequena Aucar, após atravessar a ponte em seus 500 metros, se encontra uma clareira, um campo gramado. Ali há uma igreja construída em madeira, um cemitério cercado em um dos cantos, e algumas poucas toras de madeira que são utilizadas como bancos. As árvores estão todas ao redor deste espaço, e depois delas a ilha acaba em algumas pedras e pedaços de areia. Aucar é esse destino distante dentro de Chiloé, onde se visita a casa de deus e os mortos somente, uma terra que tem uma só função, a de ser conectada a algo maior. O afastamento de Aucar em relação ao resto da ilha permite a construção simbólica de um lugar único.



566 m

Image © 2020 Maxar Technologies

ATO 03

Eu poderia dizer, se da sua vontade for acreditar, que a Ilha de Chiloé foi puxada do fundo das águas pelos primeiros pescadores que a fundaram. Com a possibilidade de construir seu território do zero, as populações navegantes que ali buscaram abrigo ergueram uma floresta que se assimilasse aos seus barcos. Com a gênese da ilha, os anciões viraram o seu maior barco ao contrário, de modo que o seu casco pudesse se comunicar com os céus, e o fixaram na ilha, assentando-se junto a ele. Da madeira da ilha construíram suas casas desgrudadas do chão, para que pudessem também navegar os grandes mares quando necessário. Em Chiloé, o uso quase único da madeira aproximou as técnicas — e os rituais — que as diferentes construções demandavam. A mecânica de se curvar ripas de madeira, para garantir estabilidade em água às embarcações, é utilizada na construção de naves eclesiásticas, moldando o céu que liga aqueles da terra com seus mensageiros celestes. Há um compartilhamento de símbolos e imagens entre mar, terra e céu. **Quem sabe, num avesso possível, a concepção dividida das igrejas chilotas era uma mensagem do além, inspirando os pescadores a conceber a primeira grande embarcação.**

Ao visitar a igreja de Nercón vejo barquinhos pendurados no teto. Na capital, Castro, há uma grande igreja diferente de todas as outras. Enviado de algum canto da Europa, o projeto desenhava uma construção de grandes pedras voltada para a praça principal da cidade. Não havia pedras em abundância na ilha. O projeto, replicado em madeira, é a visão do desenho original.

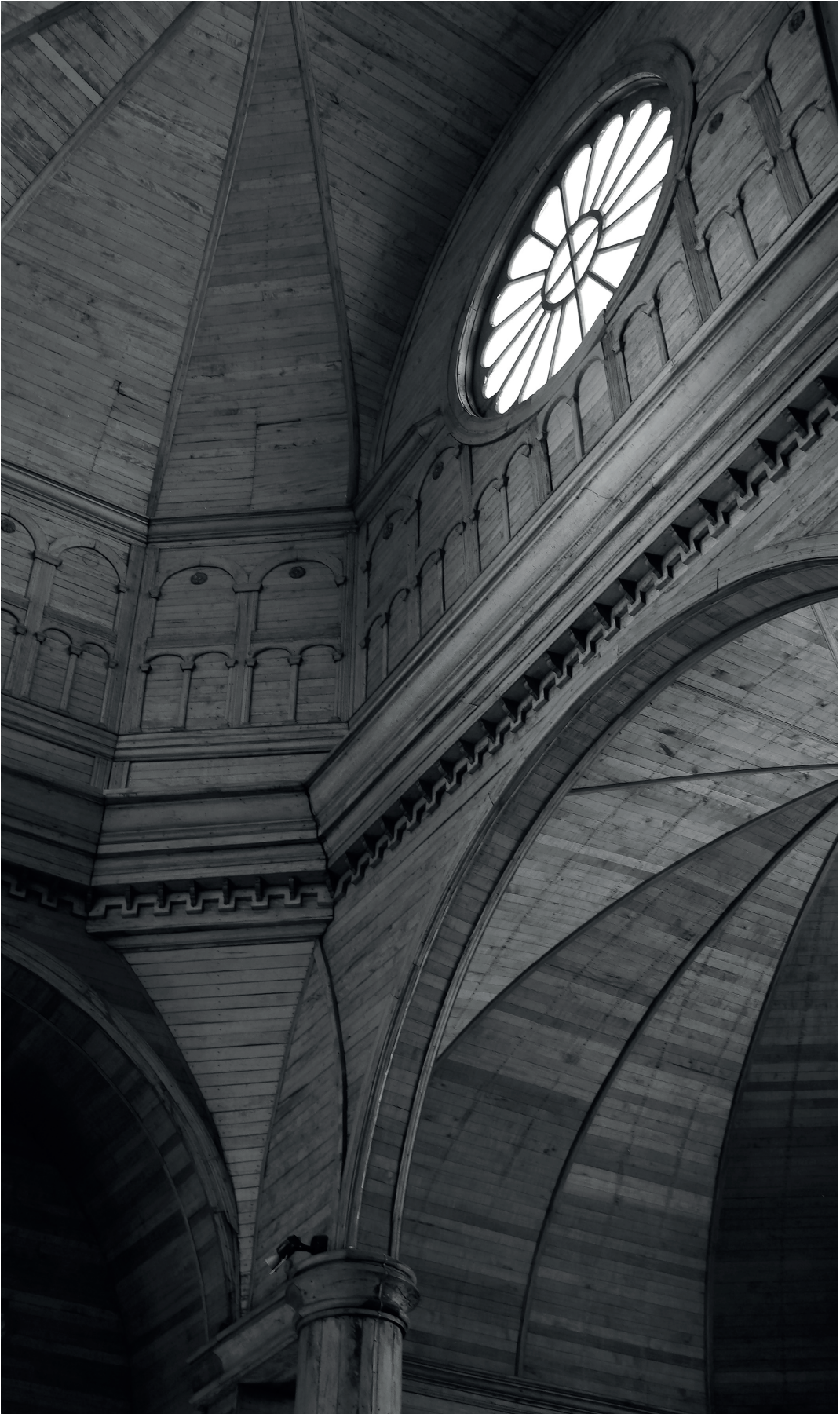
Enquanto a cultura da pesca se faz presente na meticulosidade da construção de igrejas, as casas chilotas são integralmente lançadas ao mar. Por vezes, quando uma família planejava mudar de uma cidade a outra, levava sua casa consigo. A casa era levantada do chão e colocada em ripas de madeira para ser puxada por bois que a carregavam até sua nova cidade ou até a praia. Na

praia, as casas eram apoiadas sobre botes flutuantes e puxadas por navios, atravessando o mar para desembarcar em outra praia, ser puxada novamente por bois e reinstalada. A atividade é chamada de *minga*.

A casa [...] nos permitirá evocar [...] luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. (BACHELARD, 2008, p.25).

O ato de carregar as próprias casas através dos mares e das marés evoca a ideia e a imagem do barco, conectando as embarcações também ao espírito das casas e da moradia. O morar é constituído no espaço do abrigo entre casas, igrejas e barcos. Jorge Lobos escreve sobre as construções em Chiloé, em seu artigo *Casas que buscan el mar*.

No Marajó dormíamos em redes que carregávamos junto de nossas bagagens. As redes foram o nosso devaneio de casa, uma pequena morada que, como caramujos, se movimentava e trocava de estadia junto de nós. Se carregávamos as redes como caramujos, como aranhas as tecíamos num emaranhado possível de coexistência em um pequeno cômodo, e como lagartas éramos enrolados no casulo que se fechava com o peso do corpo que descansa. A rede é uma concha protetora, em que habitam sons da água e que corre e balança lentamente de um lado para o outro a nos ninar. Quando em Arapixi, dormíamos toda noite no mesmo barco que nos levou até lá. Erguíamos os mosquiteiros à noite para desmontá-los ao amanhecer. Em outros momentos, ao chegar numa nova hospedaria, nos reuníamos todos a montar as redes, numa ação ritualística de construir em um novo espaço a mesma casa de antes. **Praticávamos o morar toda noite antes de dormir.**







ATO 04

No trecho de abertura do capítulo "A Casa e o Universo", do livro "A Poética do Espaço", Bachelard afirma:

Baudelaire sente o crescimento do valor da intimidade quando uma casa é atacada pelo inverno. [...] A cena se passa num *cottage* do País de Gales. "Uma bela habitação não torna o inverno mais poético, e o inverno não aumenta a poesia da habitação? [...]". (BACHELARD, 2008, p.55).

Em uma nota de rodapé, ele continua:

Henri Bosco sintetiza bem esse tipo de devaneio nesta breve fórmula: "Quando o abrigo é seguro, a tempestade é boa.". (BACHELARD, 2008, p.56).

No Marajó, as casas eram próximas umas das outras e as janelas eram grandes. Da janela aberta de um vizinho adentrava-se inteiramente no cômodo revelado, viam-se as três paredes para além do buraco da quarta. As paredes de fora eram tão finas quanto as de dentro. Na frente de todas

as casas havia uma varanda ampla que intermediava a rua e os cômodos, onde os moradores relaxavam após as 17h, quando suas casas já estavam aquecidas pelo sol forte do dia. O vento cruzava de janela a janela, atravessando uma casa após a outra. Parados na frente da casa amarela em Chaves, nossos pés eram picados por formigas-de-fogo.

Em Chiloé, as paredes externas das casas eram cobertas por camadas de pequenas ripas de madeira — como em uma saia de babados. As texturas eram muito similares e a paisagem unificada dessas casas, olhando de longe, parecia constituir uma espécie de casca. As casas tinham janelas pequenas e não tinham varandas. Dentro, no vão da escada entre o térreo e os poucos andares acima, ficava um aquecedor e sua chaminé, uma pequena salamandra que distribuía o calor para toda a casa. O aquecedor era o centro da casa, como uma pequena lareira ao relento, onde se senta para contar histórias. No inverno, a chuva e o frio circundam as casas em Chiloé junto ao som do vento. A casa do inverno chuvoso de Chiloé é o grande abrigo. A casa do verão intenso do Marajó é uma janela aberta no meio da paisagem da cidade.



ATO 05

Em Chiloé, as lápides dos cemitérios são tradicionalmente construídas em madeira e formam uma réplica da casa onde morou a pessoa a ser enterrada, com uma cruz no topo. A junção dessas pequenas casas nos cemitérios cria uma espécie de vila a ser visitada, parecem pedaços da cidade que perderam seus personagens, uma espécie de cidade-fantasma que ainda habita e age sobre a cidade dos vivos. Assim como as grandes casas, as pequenas do cemitério sentem na madeira a passagem do tempo, cicatrizam seus anos em rugas. As casas-lápide se esvaem com os anos,

se decompõem junto ao corpo enterrado e agem como testemunhas da passagem do tempo, dos ciclos entre vida e morte. No Marajó, encontramos casas idênticas uma ao lado da outra, com a única diferença de que uma era nova e a outra já perdendo alguns pedaços. A mesma passagem do tempo vista nos cemitérios em Chiloé era sentida nas casas dos marajoaras. A compreensão deste ciclo fazia com que famílias largassem suas casas antigas para então construir uma igual e nova ao seu lado. Enquanto a nova construção se transformava em morada, os esqueletos da antiga eram mantidos ao lado, declarando aos poucos o fim daquela estrutura.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Hasteamento da bandeira de Sealand, 1967. Disponível em: sealandgov.org/pt-pt/. Acesso em: nov. 2020.

Desenho em duas partes da obra *The Floating Piers (Project for Lake Iseo, Italy)* de Christo e Jeanne-Claude. 38 x 244 cm e 106.6 x 244 cm. Fotografia: André Grossmann. Disponível em: christojeanneclaude.net/mobile/projects?p=the-floating-piers. Acesso em: abr. 2020.

Fotografia aérea da Ilha Aucar, 2020. Disponível em: Google Earth. Acesso em: maio 2020.

Igreja de Castro, jan. 2019. Fotografia: Acervo pessoal.

Igreja de Nercón, jan. 2019. Fotografia: Acervo pessoal.

Casas em Arapixi, Chaves, jul. 2018. Fotografia: Annabel Melo.

Casa em Chonchi, jan. 2019. Fotografia: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORTÁZAR, Julio. *A ilha ao meio-dia In... Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DARWIN, Charles. *Fenômenos vulcânicos e a formação das cadeias de montanhas*. São Paulo: Editora Datum, 2016.

GARCIA, Marília. Expedição nebulosa. *Serrote*, São Paulo, n.32, p.156-181, jul. 2019.

LOBOS, Jorge (dir.). *Guía de arquitectura de Chiloé*. Andalucía: Consejería de Fomento y Vivienda, 2006.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Lisboa: Tinta da China, 2013.

MENDELSUND, Peter. *What We See When We Read*. Nova Iorque: Vintage Books, 2014.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

URFGS TV. *Aula magna com Mia Couto: Guardar memórias, contar histórias e semear o futuro*. 2014. Disponível em: youtu.be/lZtc11BnoMo. Acesso em: set. 2020.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade.

luisaacarrasco@gmail.com